

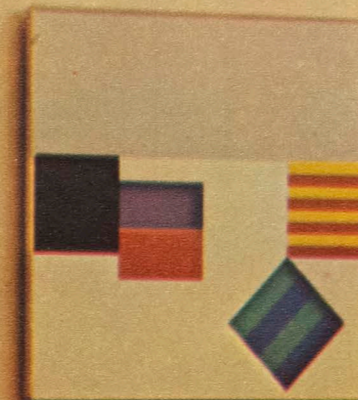
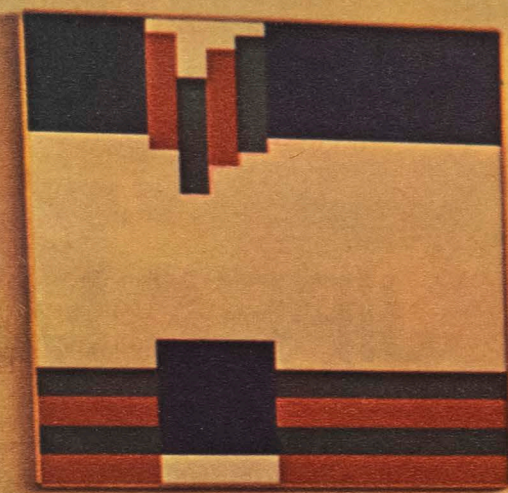
O passado,
o presente
e o futuro
vieram
de 51 países
para
a grande
exposição
em
São Paulo

BIENAL

OS SURPREENDENTES CAMINHOS DA ARTE

O roteiro da X Bienal de São Paulo é cheio de surpresas. O visitante ali encontra o passado, o presente e o futuro da arte. Nas extensas galerias, figurações pré-históricas coexistem com a forma pura e não figurativa dos concretistas e com uma arte que se antecipa no tempo pelas asas da tecnologia. Mas como classificar no tempo este Tapete de Ovos, de Herbert Distel?
SEGUE

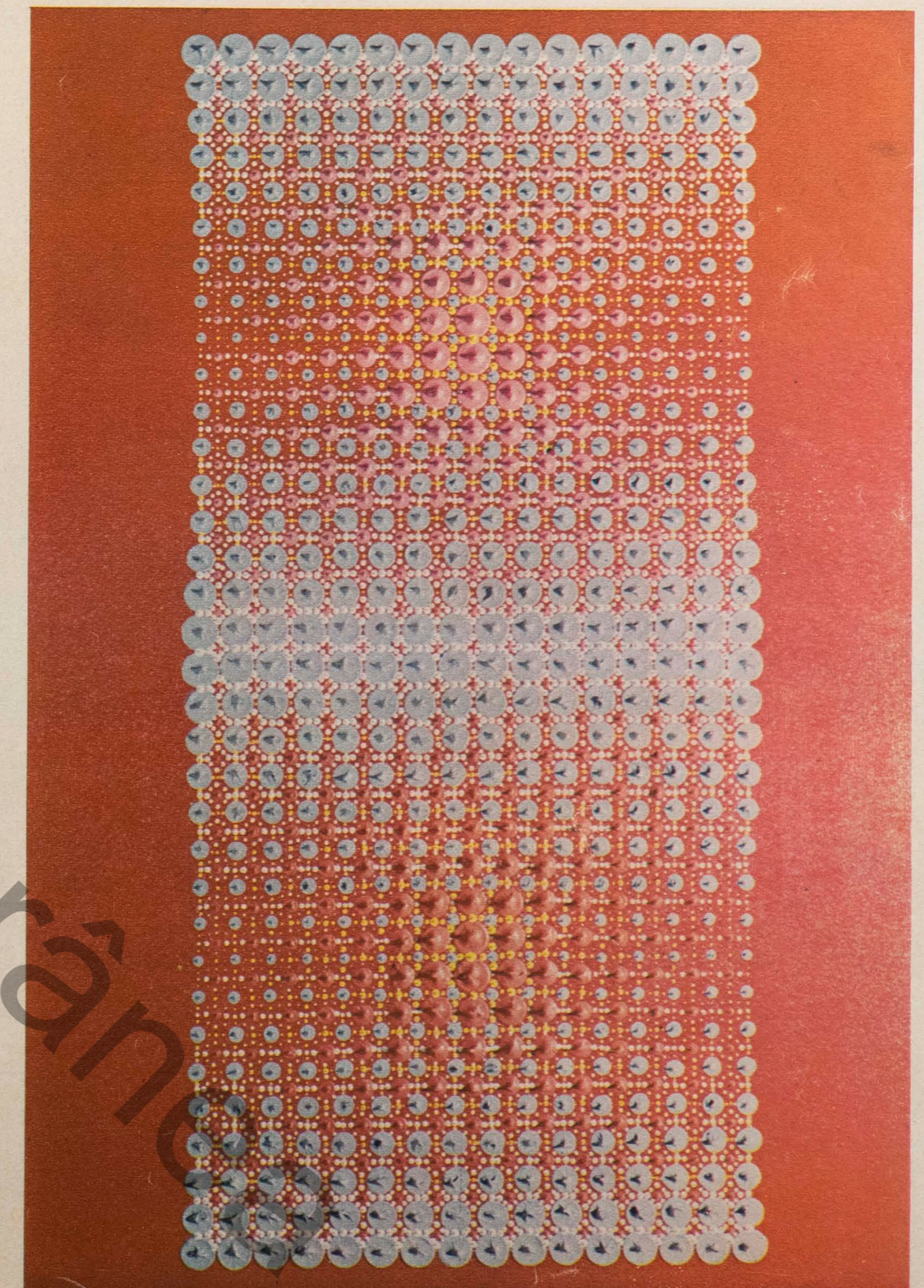
Texto
de Flávio de Aquino
Fotos
de Nicolau Drei
e Zygmunt Haar



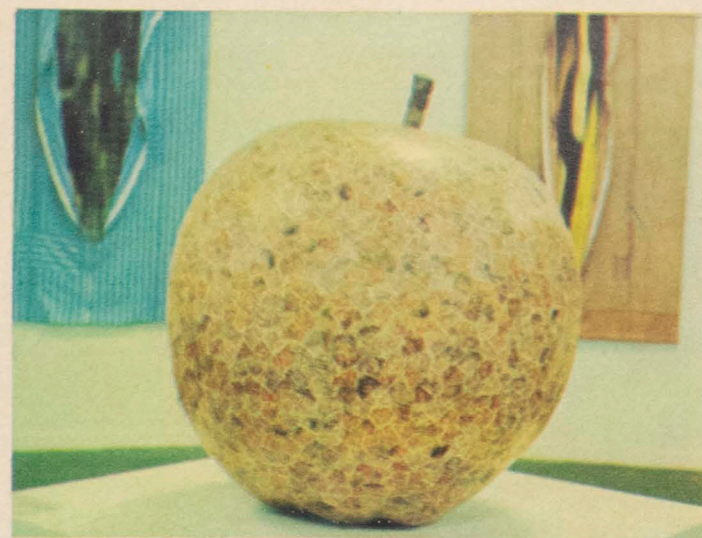
**Cada vez
mais a arte se
apóia na ciência
para construir
os mitos do
futuro**

Desde a I Bienal trava-se uma luta entre a arte figurativa e a abstrata. No entanto, enquanto se processava essa batalha, ganhava força a corrente artística que procura elaborar uma arte calculada, quase matemática, capaz de exprimir com precisão as conquistas da ciência, construindo sobre elas os mitos do nosso tempo.

A sensação do volume por meio do pontilhismo é o que procura Almir Marvignier, brasileiro radicado na Alemanha.



No recinto reservado à representação brasileira, Nisao Chara (à esquerda) criou um mundo em que os seres são pirâmides de acrílico vistas através de um arco de aço cromado. Marvignier mostra na sala alemã o pontilhismo científico.



Na Bienal, o público pode escolher o que lhe agrada — a música escultórica ou simplesmente um quadro

A Maçã do Imperador, obra do tcheco Jiri Koler, obteve um dos segundos prêmios. Faz parte da arte chamada de Realidade Fantástica.



Em cima, uma vista geral da seção brasileira. Embaixo, Estrutura, do peruano José Carlos Calvez. A direita, a sala de Iutaka Toyota, o nipo-brasileiro que, com sua arte de movimento, obteve uma das melhores premiações da Bienal, concedida pelo Banco de Boston.

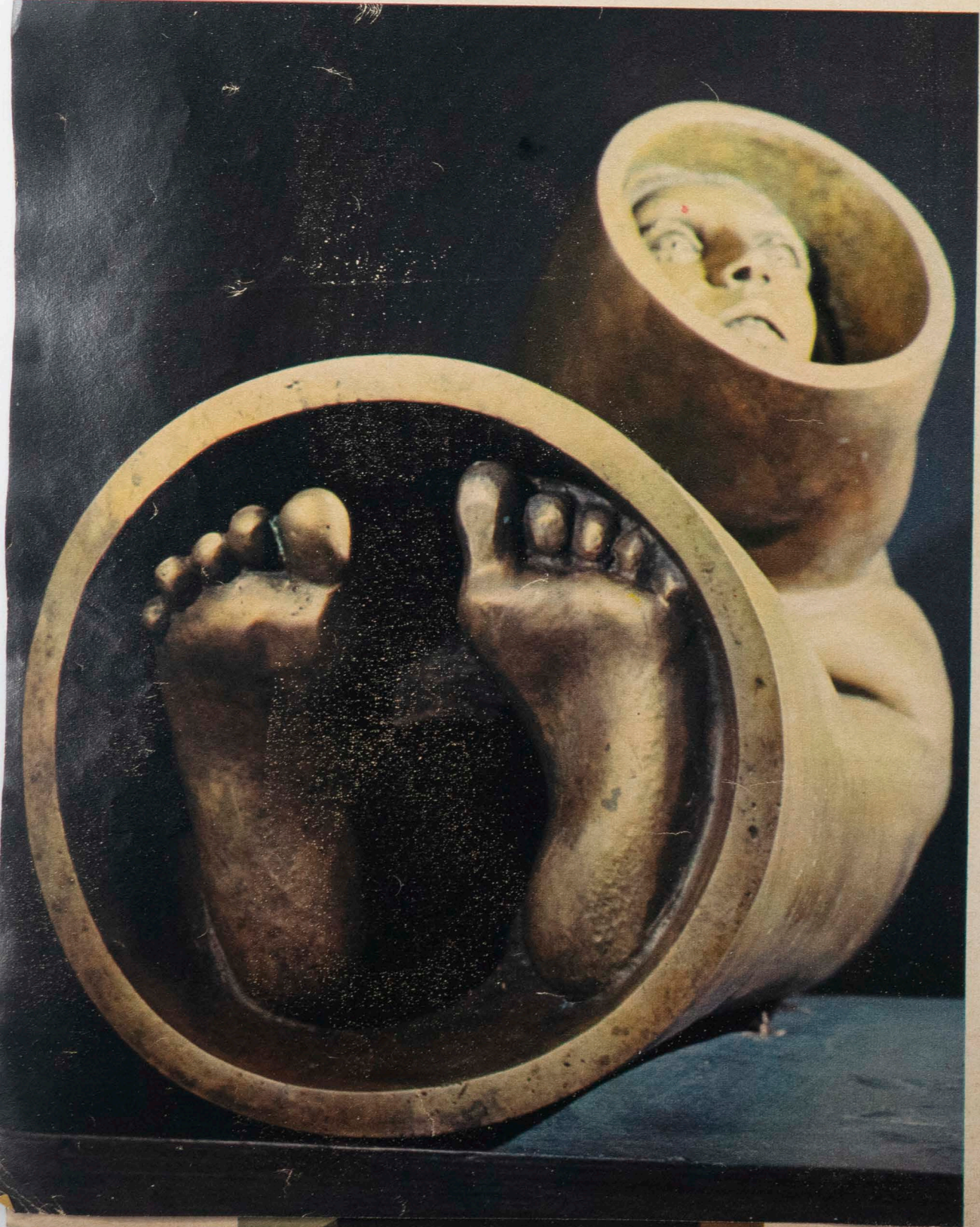


À arte exposta nesta X Bienal poderia ser aplicada a frase extraída da filosofia de Nietzsche: "Tudo o que se quis se fez. O que não se fez é porque não estava na direção da vontade humana." Realmente, tudo foi permitido, a partir do impressionismo. De tal maneira se instaurou a liberdade de criação que muitas obras são apenas qualificadas de *objetos*, pois participam da pintura, da escultura, da música e do cinema. Na X Bienal podem ser apreciados desde quadros a óleo de feitiço tradicional até estruturas metálicas que emitem som e luz.



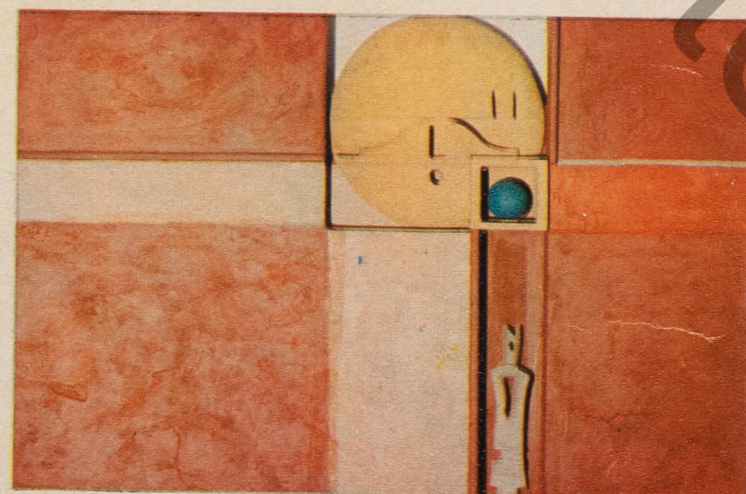


O italiano Giuliano Vangi caracteriza-se pelo humor negro. Em cima, ele esculpe em alumínio policromado A Mulher que Ri. Embaixo, em Mulher no Cano, molda em bronze uma situação absurda, uma realidade fantástica.

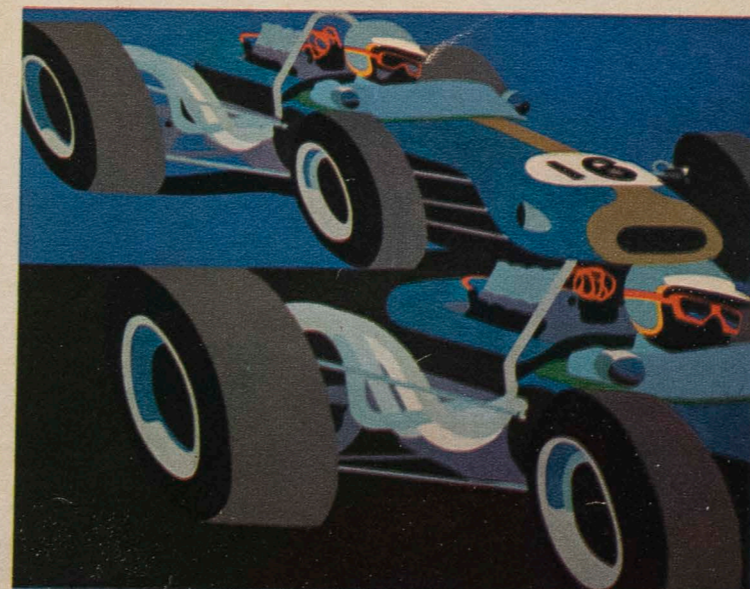


Aqui, o impossível acontece. O visitante não deve se assustar quando uma obra de arte reage violentamente à sua presença

Há 18 anos, quando começaram as bienais, jamais alguém poderia pensar que uma obra de arte pudesse emitir rugidos ao ser tocada. Isso agora acontece com frequência. A estética da nossa época busca provar que as artes plásticas não têm mais limites e que devem ser integradas às demais manifestações de comunicação de massa. No futuro, se uma escultura agredir fisicamente o visitante, por um engenhoso processo automático, talvez ganhe a admiração e o prêmio máximo da crítica; estaria desta maneira revelando uma nova ligação entre a arte e o homem.



A pintura do argentino Marcelo Bonavardi, que mereceu um dos prêmios da Bienal, é quase tradicional dentro da arte moderna. Sua principal característica é a sobriedade.



O brasileiro Francisco Petit Reig, em Homenagem ao Comendador (em cima), ilustra um dos símbolos da nossa época: a velocidade. Ao lado, uma das obras do brasileiro Sulamita Mareines, pintura que emite rugidos ao tocar-se sua superfície.



O passado, o presente e o futuro foram sempre assuntos de tôdas as bienais

A arte de hoje inspira-se ao mesmo tempo no passado quando pretende criar símbolos românticos e na expectativa do futuro, quando tenta prever como será o homem do século XXI. Ela é inquieta, vive da pesquisa constante, em cada dois ou três anos aparece um novo movimento que tenta ilustrar um novo aspecto da vida. Por isso, nas bienais pode-se ver obras do século XIX, de caráter simbolista — como as de Jacek Malczewski —, expressionista — como as de Lifschitz — ou mesmo concretista, como as de Haese.



A esquerda, pintura do israelense premiado Uri Lifschitz, da série Espelhos e que pode ser classificada como expressionista. A direita, São João e Salomé, de Jacek Malczewski, pintor polonês do século passado.



O austriaco Ernst Fuchs (à esquerda) inspirou-se na pintura medieval e obteve um prêmio. A direita, obra da brasileira Ismenia Coaracy.



Günter Haese, um dos representantes da Alemanha, aparece ao lado da escultura espacial Mekka, feita de arame, latão e molas de relógio, arrumadas cuidadosamente.

**A arte é hoje
uma ocupação
aberta a todos e
que não rejeita
qualquer forma
de inspiração**

Uma das características da arte de hoje é o autodidatismo. Está provado que a elaboração da obra-prima independe das regras acadêmicas. O artista tenta obter o melhor aproveitamento estético possível dos materiais escolhidos, sejam eles bambuzais (como é o caso de Ione Saldanha), quebra-cabeças (como fez Paulo Maluf), sonhos infantis (que Miró aproveita), cabeças de gado (que fascinam Humberto Espínola) ou a embriologia humana.

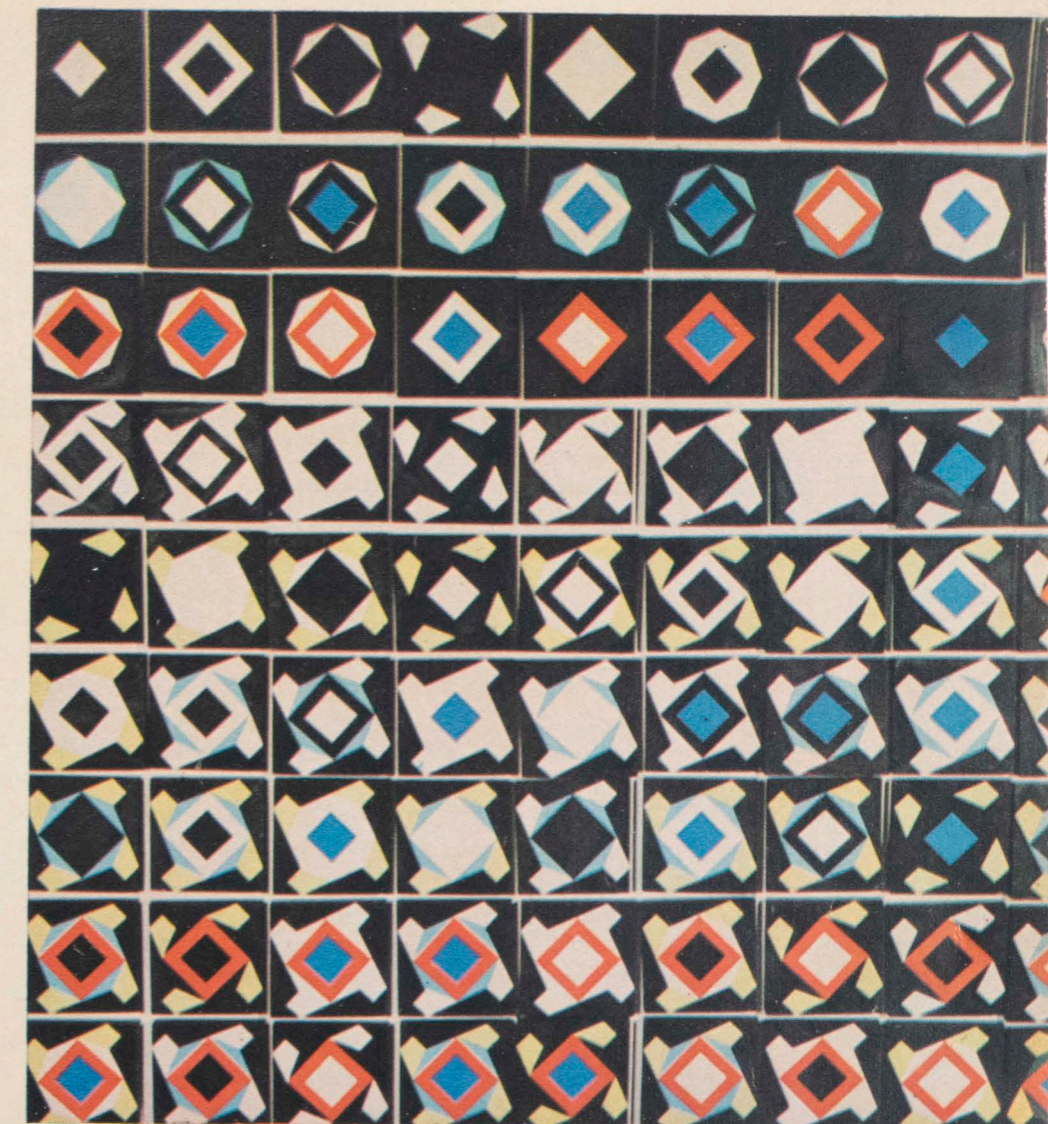
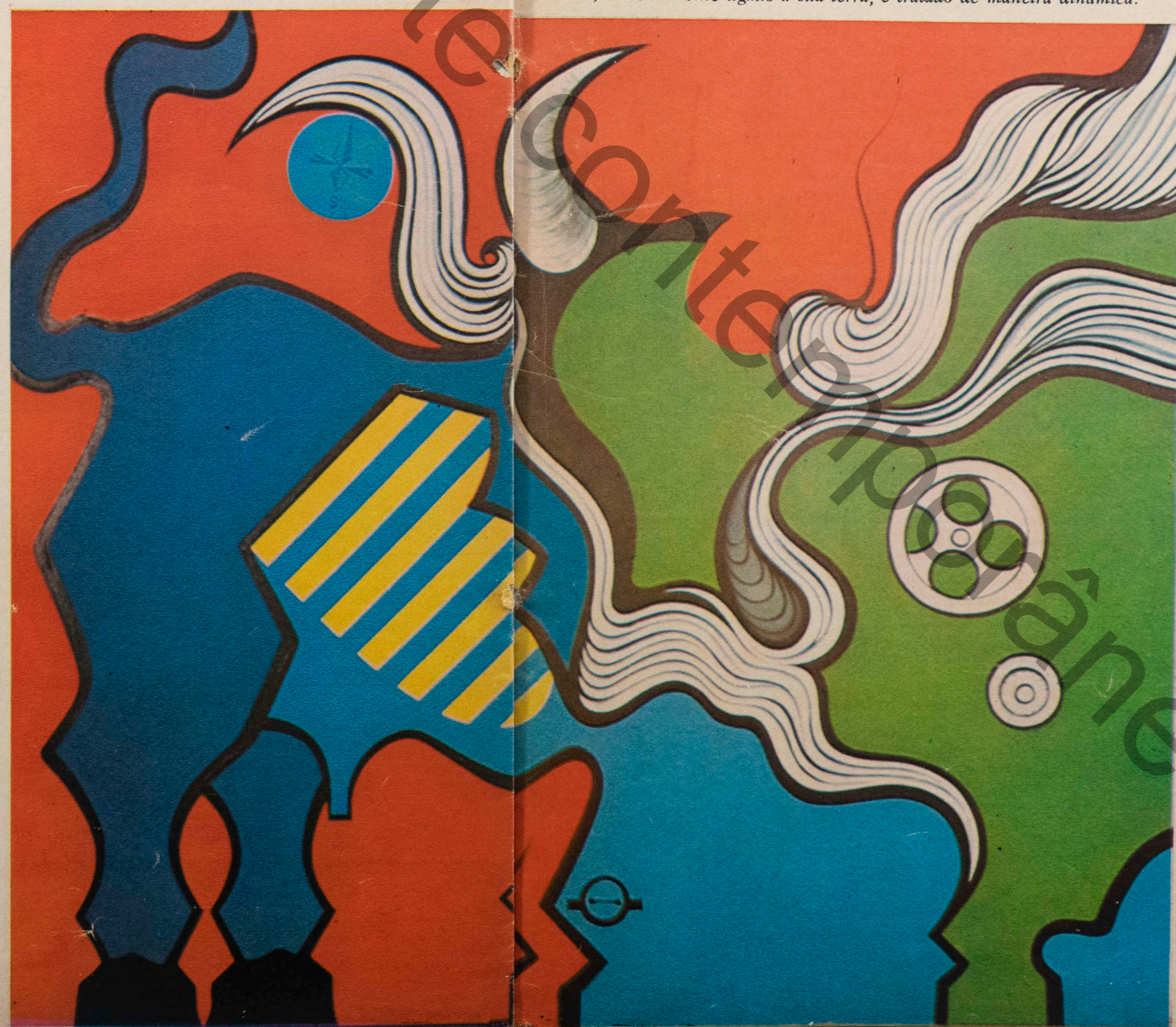


Logo à entrada da Bienal, Ione Saldanha tem uma sala onde mostra seus Bambus e Ripas. A originalidade e simplicidade de sua obra lhe valeram o Prêmio Governador de São Paulo, um dos melhores desta Bienal.



O pavilhão da Espanha não tem muitos trabalhos. O pintor que, juntamente com Picasso, é o grande sobrevivente do artista goiano Humberto Espínola, O

Em compensação, mostra obras do grande artista Juan Miró (em cima), vende da época heróica do modernismo. Embaixo, Bovinicultura, tema que é assunto, extremamente ligado à sua terra, é tratado de maneira dinâmica.



Pintura Informativa, obra do brasileiro Paulo Maluf, é composta de uma série de placas quadradas montadas separadamente como se fosse um quebra-cabeças.



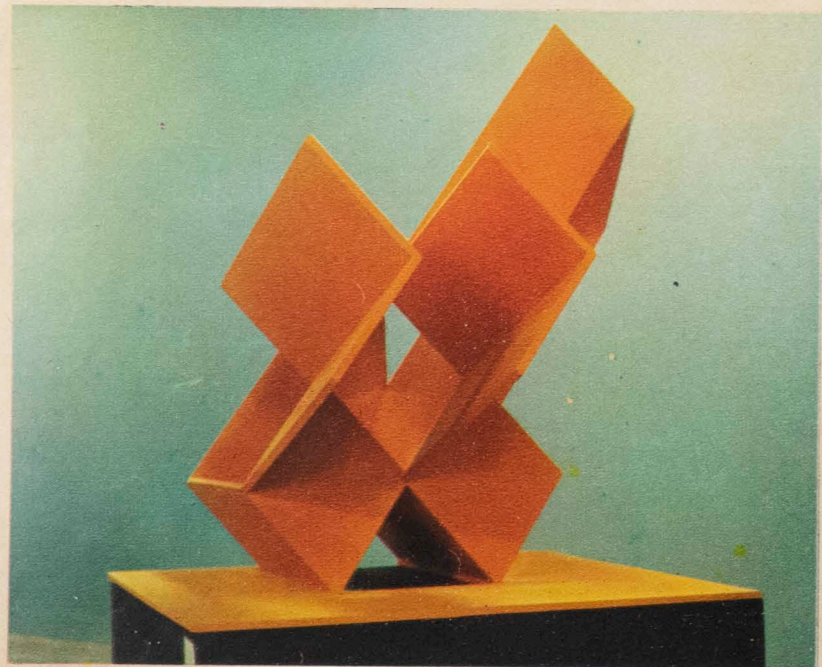
Demanda, óleo de Sami Mattar, representa a gestação humana. Sami é um dos artistas brasileiros que mais se distinguiram na pintura erótica proveniente da pop-art.

Ao terminar seu percurso pela Bienal, o visitante percebe que a arte de hoje reaviva o tema do amor e antecipa a era da tecnologia

O visitante aproxima-se do edifício da X Bienal de São Paulo, a sucessora de outras nove gloriosas que começaram em 1951 num velho prédio do Trianon paulista. E sempre se surpreende com a afluência do público. Ela é ainda a mais importante mostra de artes plásticas do Brasil com suas 2.500 obras estrangeiras e 800 nacionais, espalhadas em 18.000 metros quadrados, além de 4.000 metros quadrados dedicados à arquitetura e 1.200 a livros de arte e cenários de teatro. Pelas roletas da entrada passam quase 500.000 pessoas a cada dois anos.

Na entrada, logo à esquerda, há um imenso pentadecaedro de aço e cristal iluminado por várias cores, emitindo sons e cores. Tem-se a impressão de que é uma cápsula espacial pronta a ser lançada ao cosmo, mas seu autor, o suíço-italiano Francesco Mariotti, diz que ela foi feita para "distribuir calor humano, fé e amor". Estas palavras têm certo sentido simbólico pois a Bienal, em grande parte, é regida pelo amor e pela ciência. O geometrismo abstrato aparece aí como um arcaísmo bem pôsto, fruto do sucesso que obteve em 1951, na I Bienal.

Mais à esquerda um pavilhão fechado mostra obras de Sulamita Mareines, cujo objetivo é "retratar numa outra dimensão uma outra realidade" a que chegou "através de sua percepção extra-sensorial". São obras abstratas, de cores vivas, que reagem com sons de batucadas, rugidos de animais ferozes e gritos de dor quando o visitante toca-lhes com a



Relvo Vermelho, obra do escultor colombiano Eduardo Ramirez, obteve um segundo prêmio da Bienal paulista.

mão. Na mesma sala há um tubo de aço polido tendo ao fundo painéis de acrílico, que se substituem automaticamente e tocam trechos do poema sinfônico *Assim Falou Zaratustra*, de Richard Strauss, utilizados no filme *Uma Odisséia no Espaço*, de Kubrick.

Adiante, aparece um recanto com paredes negras que realçam estranhos instrumentos que sugerem cápsulas de hibernação com quatro homens suspensos no espaço. Alguns instrumentos arfam e batem com um coração fatigado. O autor é o brasileiro Esifisio Putzohn e seu pavilhão fica perto da sala especial de Toyota Tanaka, que produz belos efeitos cinéticos com a luz refletida em espelhos côncavos. No meio de toda essa futurologia, resplandecem, num cenário branco, os *Bambus e Ripas* de Ione Saldanha pendurados do teto; nesse ambiente, eles lembram objetos de eras pré-históricas. Estão em silêncio.

Há uma sala onde por mais que se olhe pouco se vê. Pertence a Mira Schendel. Lá se encontram tênues fios de nylon suspensos do teto. Partindo de conceitos bíblicos, Mira deseja ao mesmo tempo protestar "contra o excesso de informações de massa existentes no mundo de hoje". Há ainda

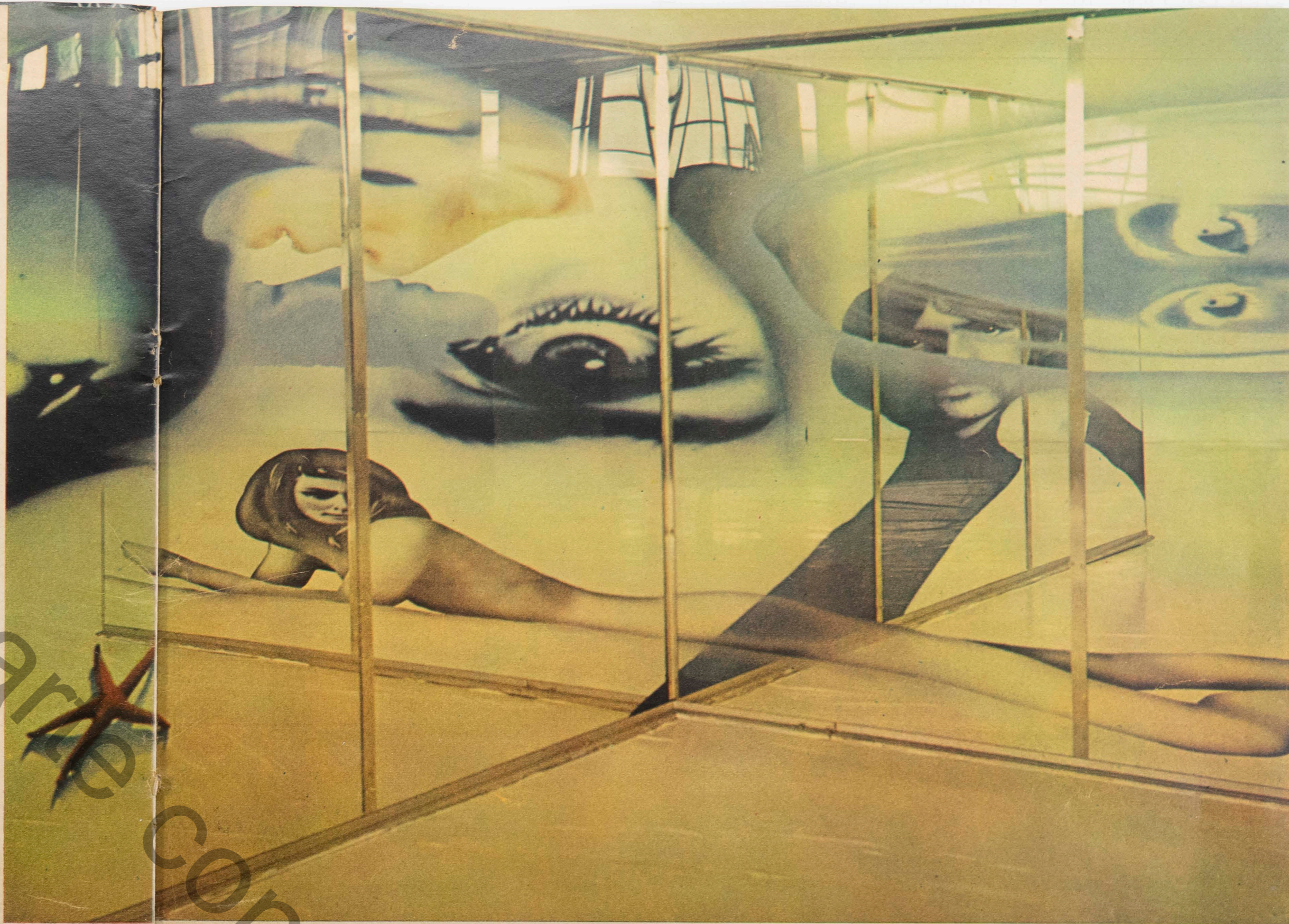
um velho carro Skoda todo amassado e com um poste de vários sinais de tráfego proibitivos na frente. O objeto chama-se *Situação Urbana I* e é de autoria de Marcelo Khans, que deve ter comprado no ferro-velho a peça principal do conjunto. Ninguém sabe ao certo como ele entrou na exposição e como o deixaram ficar lá. Mas, perto do carro trombadado, há a sala de Rubem Valentim, uma excelente demonstração de escultura afro-brasileira não notada pelo júri.

Três lêmbras gigantes feitas de plástico e infladas de ar são curiosas, ameaçadoras e dificultam a passagem para o local onde os países vizinhos da América do Sul mostram suas obras. Quatro deles merecem uma olhada especial: a Colômbia, o Uruguai, o Peru e a Argentina. O escultor colombiano Eduardo Ramirez insiste com certo êxito nas formas geométricas abertas que fizeram há vinte anos o sucesso do concretismo; teve o seu equivalente em prêmio e forma no inglês Anthony Caro, que se encontra no segundo andar. Na sala do Uruguai, há Nélon Ramos: ele não mereceu a atenção do júri, mas tem o mérito de representar de maneira fúnebre esses tempos de sortilégios. Lá, inúmeras cadeiras pretas, mesas pretas e objetos pretos sob fundo preto compõem um cenário de morte, de tragédia parada no tempo e no espaço. Logo depois vem a Argentina, com Marcelo Bonevardi, um requintado e excelente pintor de placas que lembram fachadas de casas rurais. Sua arte, dentro da tradição moderna, evita, porém, os exageros.

Com os músculos das pernas doendo, após percorrer dois quilômetros de obras, o visitante chega ao segundo andar, o santo dos santos das antigas Bienais, o local de onde saem os prêmios mais importantes. Bem no centro há um enorme vácuo: o lugar onde deveria estar a grande exposição de arte-tecnologia americana e que não foi enviada. É mais indicado que o visitante marche em passo rápido para o fundo para voltar ziguezagueando entre os pavilhões. Assim verá primeiro a representação japonesa, uma das melhores. E o melhor ali, embora não tenha conquistado qualquer prêmio ou menção, é Koso Mio, um inventivo artesão-artista, mágico do espaço e do erotismo. Cruzou em ângulo reto duas grandes placas de acrílico transparente e pintou nelas imagens do *beatle* George Harrison, um enorme olho e um corpo nu de mulher deitado na praia. Talvez seja o trabalho mais inusitado de toda esta Bienal; de cada lado que é visto, compõe-se uma nova imagem onde os personagens se confundem. Na representação japonesa, há ainda de notável um painel de Rey Hiraga formado por uma série de historietas em quadrinhos e denominado *A Vida Elegante do Sr. H.* De longe parece um vitral à maneira das antigas estampas orientais; de perto, no entanto, o olhar atento do visitante descobre cenas eróticas que constituem uma verdadeira enciclopédia dos mais estranhos ritos de amor.

ROBERT Murray, na sala do Canadá, e Anthony Caro, na da Grã-Bretanha, são identificados por um simples olhar com os enormes conjuntos geométricos a que o público já se acostumou e diante dos quais muitas vezes boceja desde os tempos do concretismo. São excelentes artistas, ótimos executores de uma idéia, embora a velocidade com que se move a arte contemporânea tenha deixado essa idéia um tanto para trás. Perto, um escultor italiano estranho mistura o erotismo de Sade e a teratologia de Frankenstein. Modelou monstros de alumínio policromado e de bronze, homens e mulheres em posições insólitas e sensuais, de olhos arregalados, membros atrofiados, que se contorcem em gargalhadas histéricas ou fitam hipnóticamente o espectador. O artista é Giuliano Vangi, um jovem e um visionário; certamente sua arte ainda será muito falada no futuro.

No lado oposto, há a representação alemã: a melhor, a mais serena. Erich Hauser, laureado com o Prêmio Itamarati, apresenta uma série de gigantes cilindros metálicos inclinados, dando a impressão de colossais pedras pré-históricas. A reunião de tais obras na sala pintada de preto cria um clima irreal, emocionante pela imobilidade e pelo mis-



A Parede de Ficção (em cima), do japonês Koso Mio, é uma das obras mais admiradas e inovadoras da Bienal. Embaixo, a sala do brasileiro Rubem Valentim.



tério que parecem irradiar, como algo vindo de outro mundo. No mesmo pavilhão, empregando somente cores simples, Joseph Albers, grande e veterano artista, austero e preciso, faz as formas quadradas vibrarem intensamente. Günter Haese emprega molas de relógios e arames para elaborar *mobiles* de extrema delicadeza, e o teuto-brasileiro Almir Marvignier dá uma verdadeira aula de pontilhismo concretista. O clima do pavilhão germânico é frio, austero e bem cuidado como convém a um povo que criou a Bauhaus.

PARA encerrar a X Bienal, no que diz respeito às artes plásticas, o visitante que não dispõe de muito tempo deve ainda deter-se nas salas do expressionista austríaco Ernest Fuchs e na do suíço Herbert Distel, que obteve um dos segundos prêmios com seu gigantesco *Tapete de Ovos* executado em acrílico. Antes de subir ao terceiro andar, para ver os cenários de teatro, as obras de arquitetura e os livros de arte, poderá ainda reparar, através da pintura do polonês Kasimir Mikuloski, como Freud e o erotismo são encarados no mundo — ou ao menos em parte do mundo socialista.

E o júri? Como se portou o júri da X Bienal? Igual ao das outras: com acertos e falhas. Acertou em cheio quando premiou o alemão Hauser, o argentino Marcelo Bonavardi, os brasileiros Ione Saldanha e Iutaka Toyota; foi um tanto passadista ao laurear expressionistas e concretistas como Anthony Caro, Eduardo Ramirez e Ernest Fuchs; cometeu uma grave injustiça em nada reservar para Joseph Albers e para o japonês Koso Mio. Há ainda uma conclusão a tirar: esta Bienal é principalmente importante por ser uma Bienal de transição. Ela veio nos demonstrar, com clareza, que a próxima será, com certeza, dominada por uma arte tecnológica.